

ANTONIO
SOARES



ILUSTRACAO - PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

NUMERO AVULSO. 50 cts.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações
Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.ª L. da**
R. Nova do Almada, 6. 2.ª
Telefone 2536 LISBOA

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE



Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS e AGRICULTURA**
Pedir preços, orçamentos a
C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

UNDERWOOD

PORTATIL

LEVE — RESISTENTE — ELEGANTE

(ABERTO O ESTOJO ESTA PROMPTA A FUNCIONAR)

AGENTES

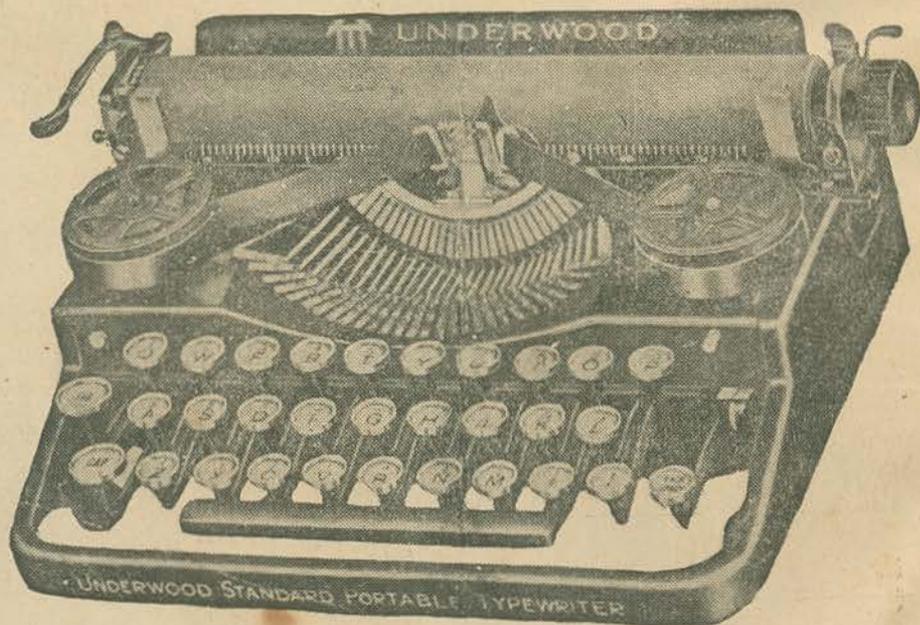
MARIO
ANTUNES
& C.ª

TELEFONE

3066

TELEGRAMAS

UNDERWOOD



OFICINAS

PRAÇA LUIZ DE CAMOES, 46. 47 E 48
(ESQUINA DA RUA DO MUNDO)

LISBOA

ESCRITORIO E VENDAS

RUA DO MUNDO, 1, 3, 5 E 7
(ESQUINA DA PRAÇA LUIZ DE CAMOES)

ILUSTRACÃO
PORTUGUEZA



D. LEONOR ROSA

VIUVA DO GRANDE ACTOR AUGUSTO ROSA

(RETRATO INÉDITO DE ANTONIO CARNEIRO)

SALOMÉ

EU tenho que dizer a todos os artistas uma grande notícia dolorosa: a notícia da morte de Salomé.

Não foi a Arte que a assassinou. A Arte consagrou-a, a Arte levantou-a muito alto. Na Arte, ela pertence a uma longa mitologia — a mitologia dos símbolos perfeitos. Na Arte, ela foi interpretada por todas as formas maravilhosas — desde os retratos de Luini e de Ghirlandajo, que a fizeram uma creança viciosa e inquietante, até à figura tatuada de Moreau, uma figura perversa e fugidia de odaliska... Na Arte, ela conheceu todas as Almas, desde a Alma que lhe deu Wilde, uma Alma de sensuália exasperada até à Alma que lhe deu Huysmans, uma Alma de diabólica infantil, e até à Alma que lhe deu Eugenio de Castro, uma Alma beijada de victos e de arômas...

Não, não foi a Arte, não foi a Literatura, não foi a Lenda... Foi a vida que assassinou a filha perturbante de Herodias, Nossa-Senhora do Bailado, a Salomé dos sete veus alucinantes...

Foi a Vida, foi a Civilização que lhe roubaram o seu prestígio regio da Luxúria, o seu halo supremo de Tragedia, o seu misterio longo de Volúpia...

Foi a Vida, foi a Civilização...

Quando m'o disseram, tive um sobressalto de Descrença. Era inconcebível, inimaginável. Teria Salomé abandonado os seus brocados orientaes, onde a sua carne luminosa tinha a apoteose dum incendio? Teria Salomé abandonado os seus parques de arvores exóticas, de aves suntuosas, de largos perfumes flutuantes? Teria Salomé abandonado o Tetrarca ciumento e requintado, que a mandou matar pelos seus escravos estonteados? Teria Salomé abandonado tambem a bôca rubra de Yckanaan, aquela bôca que ela teve a perversidade máxima de beijar, para que a emoção santa das suas orações fosse profanada pela blasfêmia passional dos seus lábios, os seus lábios insaciáveis de pecado?

Era verdade. Salomé esquecera tudo. Salomé abdicára. Salomé caíra — como uma estatua branca que se quebra. Da minha Devoção, Salomé partira — para não poder voltar. Salomé morrera para o Sonho — entrára para a Vida. Salomé estava num teatro de hoje, num teatro banal, num teatro onde ela aceitára a penumbra dum anonimato de comparsa...

Salomé deixára de ser a figura da Nudez divinizada — a sua nudez que a via-ardente das joias mais exasperava ainda, num excesso lubrico. Salomé acolhera-se a uma *toilette* como as outras, a um ritmo vulgar como as outras, a um sorriso como as outras, um sorriso de figurino cosmopolita. Salomé perdera as pétalas róxas das suas olheiras — e inclina-se de tatuagens modernas, riscas de *kohl*, heresias escarlates de *baton*, loucuras estridentes de côres falsas... Salomé, que tivera os seus arômas afrodisiacos de sandalo, as suas essencias languidas da Anatólia — resignava-se ao sabôr dos perfumes sem alma, dos perfumes dolorosamente mercenários...

E quiz saber a sua vida. E não encontrei uma unica supremacia, uma unica maldade, uma unica inverosimilhança... Salomé anonimara-se, era um vulto da turba, uma estampa duma colecção de estampas repetidas...

E contaram-me a sua ultima aventura, semelhante às aventuras das outras, com um homem qualquer, num scenario qualquer, por uma caricia qualquer...

E então fugi, desolado, estonteado...

E vim dizer-lhes, a todos os Artistas, que a Arte está em quarta-feira de Cinzas. Salomé morreu, definitivamente — como um Carnaval de Luxo e de Volúpia que se apaga...

JOÃO AMEAL

ALFREDO PIMENTA, há já alguns anos, teve uma scena de pugilato com um escritor de cuja forma literaria discordava. A policia intervindo, interrogou Alfredo Pimenta sobre se desejava alguma coisa do seu adversario. Pimenta teria respondido:

— Sim... Desejo... desejo que êle passe a escrever melhor...

UM jornal inglês avaliou em dois *schillings* cada palavra de Rudyard Kipling; uma das suas muitas admiradoras escreveu-lhe, enviando-lhe quatro *schillings* e solicitando-lhe duas palavras Kipling, satisfazendo o desejo da sua admiradora, respondeu-lhe com estas duas palavras: *Thank you*.

ACABA de aparecer o livro de versos de Salema Vaz, *Pão do Exílio*. É um livro português, escrito ao ritmo da saudade, um livro onde os versos palpitam como corações.

OS discipulos do grande pianista Alexandre Rey Colaço darão, no proximo mez de fevereiro, uma série de concertos no salão da *Ilustração Portuguesa*.

UMA grande actriz, solicitada para chás onde a crucificam com a leitura das peças mais cruéis, peças de grosso calibre, teve, ou'ro dia, esta frase: — Estes chás, estes chás... No fundo do bule ha sempre alguma coisa...

ARNALDO FORTE, o autor do *13*, reapareceu nas vitrines com um livro triste, um livro otoral, *Abandono*. Arnaldo Forte é um poeta romantico, um poeta que vive nesta época de febre e de dinamica, como um exilado.

UM nosso amigo, elegante e nervoso, entrou-nos pela sala da redacção, visivelmente contrariado, o *facies* constringido, o monoculo mais entalado na orbita comprimida.

— Que tem você?

— Oh! Você sabe lá! Acabo de sofrer o maior dissabor da minha vida, o mais detestavel dos precalços, a pior das arrelias.

— Então? Diga...

— Perdi uma luva!

E havia, um acento desolado, tragico, na voz do nosso amigo, elegante, nervoso.

— Mas isso não é tragedia nenhuma.

— Não é? Você sabe lá? Sim, horror. É o pior que pode acontecer a um homem, perder uma luva!

— Ainda se perdesse as duas!

— Mas olhe para mim: como eu estou *gauche*. Mas a *gaucherie* é o menos. O pior é a impressão moral. É horrivel. Sinto-me impar!

NA CAPA: COMPOSIÇÃO DE ANTONIO SOARES



Jesus e a Samaritana — Quadro de Lucas Granach

J E S U S

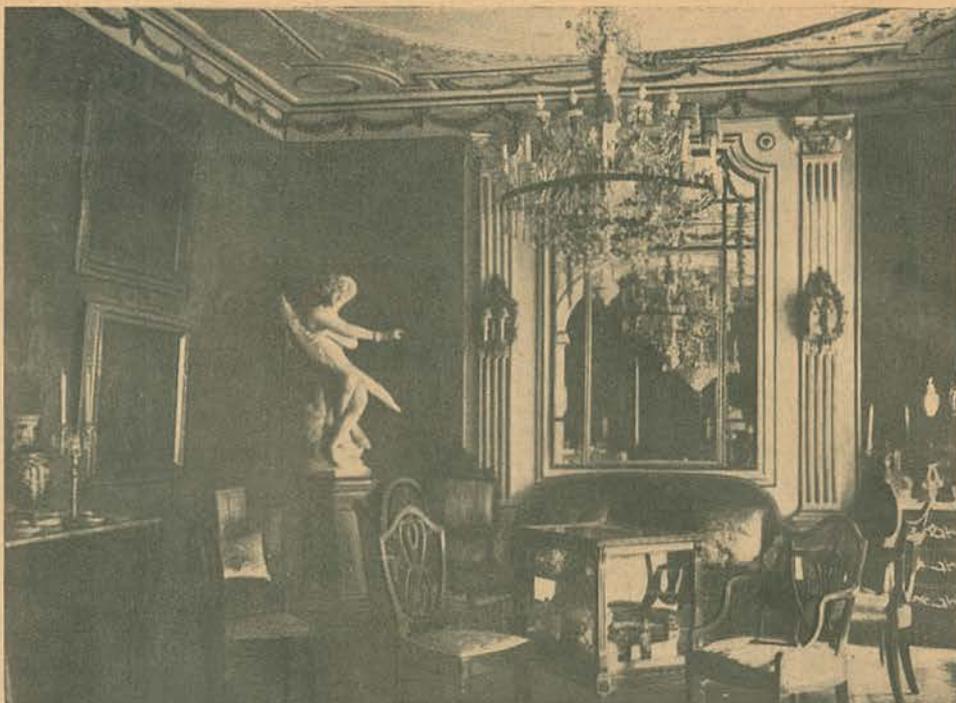
VINHA Jesus, de Galileia, um dia,
Quando viu, ao descer, sósinho, um monte,
A mais linda mulher de Samaria
Que enchia a sua anfora na fonte.

P'ra a ver bem — que a Beleza é fugidia —
Jesus falou-lhe, detendo-se defronte;
— Dá-me um pouco, mulher, dessa agua fria
Pois trago o sòl a arder na minha fronte —

— Estrangeiro! Oxalá que, ainda, uma hora,
Esta agua que bebeis, sem sêde, agora,
Vos calme o ardor d'uma futura magua —

E assim foi; pois na Hora imensa e escura,
Quando sorvia o «calix» da amargura
Por tres vezes pensou naquela agua!

NUNES CLARO



Em casa de Augusto Rosa. Um salão de arte

A ENTREVISTA DA SEMANA

D. LEONOR ROSA

E' em frente da Sé, numa casa de dois andares, larga porta de entrada de grandes batentes que se abre sem ruído. Dois bronzes seguram lampadários, no primeiro pizo da escadaria, um vitral ogivado colorido de azul e côr de roza; lá em cima uma criada antiga que nos recebe enquanto uma senhora sai: *madame* Arantes. Estamos em casa de Augusto Rosa.

À viuva, D. Leonor, nome de balada e de endeixa que encantou a vida do grande actor, estende-nos francamente as mãos. Apesar das petalas brancas que recobrem os seus cabelos, conserva ainda um gracioso ondular de labios, um perfume de graça. Toda ela se anima quando lhe pedimos que nos mostre a sua casa e nos conte alguma coisa de novo e de inédito de Augusto Rosa.

Estamos numa salinha cheia de quadros, desenhos, um de Antonio Carneiro que não tarda em figurar numa exposição e que é mais uma mascara perfeita, cheia da *morgue* do grande actor; ha um sofá onde a seda amarela dos almofadões conserva ainda a curva dum corpo; Augusto Rosa está aqui, em fotografia, em cima desta mesa, de cara rugosa, mão no queixo, cabelos desfrizados ao de leve rodeado de crizantemos.

Ha uma frase que se diz.

—E' como um ausente que anda lá longe, fazendo uma grande viagem. Ha-de voltar. Conservo tudo, como quando ele morreu.

D. Leonor está alegre, fala com enternecimento do seu querido morto.

Para ela—e não ha mais terno e duradouro culto—

Augusto Rosa vive ali, sente-se em cada canto. Cada livro, tem ainda a folha dobrada, marcando a leitura interrompida; cada tela guarda religiosamente o sitio onde pela vez primeira o artista a colocou.

— Ha quanto tempo vive aqui, D. Leonor?

— Nasci nesta casa. Depois quando casei com o Augusto vim morar para ela. Quantos anos tem a Republica? Dez, disse? Pois bem; ha dezoito ou vinte anos?...

— E foi ele que a decorou?

— Foi.

— Muitas recordações...

— Veja! Veja! Aqui esta canastrinha, ali os gomis de barro... Dádiva de Lopes Vieira; e uma recordação do *Monologo do Vaqueiro*. A canastrinha veio afetoada de queijos, os gomis de bom vinho...

D. Leonor tem uma cabeça esbelta, perfil gracioso e gentil, que ficaria bem num esmalte, num daqueles esmaltes que andavam brincando, nos colos das açafatas, no tempo do *Roi-Soleil*.

Mas nem por isso se deixa fotografar.

— Porque fico muito mal acredite. Já mo dizia o Augusto: tenho aqui tantos retratos e falta-me o teu!...

— Então, vamos para a entrevista...

E D. Leonor recusa-se tão gentilmente, recompensando-nos com a fotografia dum desenho que lhe fez Antonio Carneiro, que não temos coragem de insistir...

— Tudo quanto seja para falar do Augusto, estou sempre pronta. E' o maior favor que me fazem. Gosto tanto, tanto! Disse-me o Lopes Vieira: aprende o Augusto como se ele ainda vivesse.

Abre-se a porta da sala de jantar, grandes moveis

de pau santo. Moveis maciços, pesados, de linhas orgulhosas, onde saltitam claros de prata. O que encanta é a luz. Porque o sol andava já redoidado do crepúsculo e os cortinados tinham uma suavíssima cor de folha morta, diríeis ao ver esta sala que pairava nela o ultimo clarão do outono, sucumbindo oirescente num rastro de agua.

—Vê, este relógio? Era um dos que o Augusto gostava mais. E' antigo, inglês. Dá horas. Ele gostava muito de relógios; sou eu quem lhes dá corda. Estão espalhados pela sala, uns vinte...

—E de flores, gostava?

—Gostava de tudo quanto fosse artistico.

—Onde é que ele se sentava?

—Aqui á cabeceira, nessa cadeira de espaldar alto...

—Jantavam sempre sós?

—Quasi sempre. A' noite vinham alguns amigos... Lopes Vieira era sempre certo.

D. Leonor está de pé. No pescoço, envolvente, um fio de perolas. Quer que nós publiquemos tudo, que não esqueçamos nada. Fala a todo o instante no busto de Augusto Rosa, esculpido por Teixeira Lopes. Discretamente soubemos que o ofereceu ao Museu de Arte Contemporanea.

—Este desenho é tão lindo. Leve-o andel Este outro... Olhe é de Gustavo...

Tem muita ternura por tudo aquilo, D. Leonor apaga-se modesta.

—Em que passa o tempo?

—Ora em que passo!? Recorto os jornais que falam do meu marido.

E vai-nos buscar albuns, grandes livros encadernados em couro onde estão arquivadas algumas cartas dirigidas a Augusto Rosa. Num livro, com o titulo lêmos: *Estas palavras não as leva o vento*.

—O titulo é do Augusto. Sabe o que contem este livro? Adivinha? Não? Pois bem, é o original do seu livro... Isto é para não dizerem que não foi ele quem o escreveu...

—E este D. Leonor?

Num livro encadernado em couro, fita roxa, com uma divisa, a divisa do actor: *labor omnia vincit*, presentimos um misterio. Não se terá ainda dito o que D. Leonor vai dizer toda enlevada?

—E' a sua peça *Punido*. Quem o animou foi Lopes Vieira. O poeta andava-lhe sempre a dizer: has-de escrever, ensaiar e representar uma peça.

—Fêl-o tão tarde!

—Sim, quando morreu queria representa-la.

—E porque não consente V. Ex.^a...

—Ah! isso não! Lopes Vieira — o grande amigo

da casa, prodigo em versos de louvor a Augusto Rosa, dizemos nós — diz que não. Era para uma festa. Mais tarde... Mas não sei, não sei, se a representara bem...

Desfilam recordações. Dum pequenino armario que está noutra sala, traz-nos D. Leonor uma medalha.

—Ofereceram-lha quando fez quarenta anos de teatro. Foi um dos seus grandes momentos. Muito comovido no palco, a emoção a retêl-o na cadeira, a Barbara a pôr-lhe a medalha ao peito e o artista mais novo da companhia a lêr as palavras que Lopes Vieira escreveu expressamente para a festa... Foi em 1913.

A viuva de Augusto Rosa a quem tinhamos perguntado se o grande actor não tinha em teatro supstições, lembra-se:

—Ora veja!

Ainda agora não lhe disse, mas o Augusto não gostava do dia 13!

Na casa de jantar, a luz outonisa-se dum amarelo quente, irreal, fantastico de tons. Pela janela aberta vê-se a Sé, aprumada, nas suas duas torres esguias. Oiro, muito oiro aqui nesta sala que vive deslumbrando-nos.

—Mas ainda lhe quero mostrar este album. Eu é que recortava sempre, as criticas, as referencias, os artigos. Depois da sua morte não descurei o trabalho... Telegramas de pezames... Da rainha D. Amelia, de D. Manuel, de Sidonio Pais... Repare nesta *Ilustração*...

Muito embevecida, num culto que não tem lagrimas, mas onde existe muito contentamento pelo triunfo artistico de seu marido.

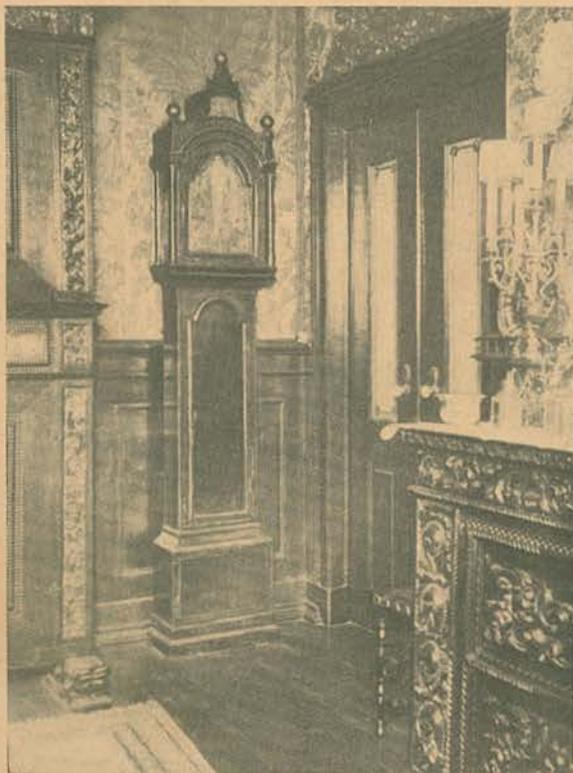
D. Leonor tem esta frase:

—Ele estava lindo quando morreu. O Benoliel é que não o apanhou bem. Sabe? Quando esteve doente, nunca se deitou; só no dia da morte. Foi na quarta feira que faleceu... pois ainda se vestiu de casaca, meias de seda e sapatos... Sempre a ensaiar... Na terça esteve ensaiando a *Rey Colação* e o *Robles Monteiro*.

—Eram os seus discipulos diletos?

—Eram! Foram os ultimos... gostava muito dos novos, de todos os novos.

D. Leonor conduz-nos por uma escadaria em caracol. Numa grande sala, dividida em duas, ha dois plintos, que erguem os bustos de Anastacio Rosa e João Rosa; vê-se um grande retrato que Columbano pintou; uma vitrine cheia de caixas de tabaco antigas, em esmalte, em cobre e em marfim; e uma estatueta em marmore que ofereceram no Brazil ao grande actor. Fazem-se fotografias.



Um relógio precioso

— Olhe, quero que diga que este retrato me ofereceu Columbano, quando ele morreu...

— Columbano!

— Sim. Bem sei! Ele não gosta de dar os retratos que faz. Foi o pintor que o trouxe, que o colocou... Não se esqueça de dizer isto? Tenho grande empenho...

— Ha muitos espelhos—um piano emmudecido que D. Leonor não quer acordar; uma cabeça bordada a fio de prata e ouro pousada sobre a cadeira.

— E' duma peça que ele representou. Foi o *Luitz XVI*...

— A D. Leonor assistia sempre às *premières*...

— Sempre. Só se estivesse doente...

— E gostava?

— Ora! Gostava, sim.

— Uma, porém...

— Ele ia sempre bem...

Tudo isto é sempre dito por D. Leonor com muita ternura, muito enlevo. Tanto carinho comove-nos.

— Ah! O *Amigo Fritz*! A peça parece-me que morreu... A's vezes dizia-lhe alguma coisa; certo defeito. Queria-me muito. Era um juiz implacavel do seu proprio trabalho... Quere vêr esta sala?

Portas a branco e ouro, envidraçadas. E' um recanto cheio de retratos. Réjane, Guitry, Sara Bernhart, Duse, Zaconni. E tantos outros que a memoria não lembra! Uma porta desenhada por Raul Lino e que dá para a Biblioteca...

— Está tudo, tal qual, como quando ele morreu.

Aqui está ele no *Morgado de Fafe*, a sua primeira peça... São de Bordalo estas caricaturas, papeis desempenhados por ele...

Ha na pergunta indiscreta que não é banal, que é curiosa e que se devia fazer, *malgré* a delicadeza de D. Leonor que é muito figura antiga que conviveu entre artistas.

— Ganhava muito...

— Da parte material, pouco sei. Mas parece-me que ganhava num mês o que hoje qualquer actor ganha por noite...

D. Leonor tem vergonha de dizer, compreendemos, toda a verdade. Que importa! Augusto Rosa viveu para a sua arte.

Sua mulher o afirma:

— Estudava muito... Sempre em casa, não era noctambulo... Os amigos, um pedaço de conversa...

— ...O seu monoculo, a sua linha fidalga... Muito elegante sempre... Usava o monoculo ou para ler ou para fixar qualquer coisa...

E D. Leonor diz-nos ainda que nunca sai, que vive ali para Ele, naquela casa onde o *grande ausente*, na frase de Antero de Figueiredo ha-de regressar um dia e encontrar D. Leonor, assentada, no seu escritorio a evocá-lo debruçada, nos recortes dos jornais, nos grandes albums, nas suas mil mascaras, nas suas inumeras fotografias—naquele seu retrato cheio de *morgue*, príncipe e senhor, que tem sempre ou rosas, ou crisantemos ou cravos.

ARTUR PORTELA



O gabinete de trabalho de Augusto Rosa

(Clichés Salgado)



Galiza.—Cercanias de Vigo

GALIZA E PORTUGAL

Não sei se estou na Galiza, não sei se estou no Minho.

Apenas vejo um rio que desliza em suavidade luminosa a fecundar duas faixas de lezíria preguiçosa, lezíria a transformar-se em colina, a upar-se em montanha.

E a montanha em veludo de pinhal a diluir-se em neblinas, a fundir-se em brumas, por ali além.

Alinhados e rígidos os esteios de granito que sustentam as vinhas, agorasómente em contornadas cepas; e ali um grupo de aldeães que labôra na lezíria alagada.

Na outra margem o mesmo.

Uma cidade no alto a recortar no azul do céu ameias de granito velho e campanários, aldeias em cinzento que descem da montanha e lavam os pés nus na água do

rio. A mancha mais branca dum muro a enquadrar o cemiterio

Do outro lado o mesmo.

O mesmo donaire na mulher que passa na estrada; o mesmo oscilar das cabeças dos bois ruivos de sol. Como se um espelho vertical estivesse posto a meio rio e refletisse nitidamente esta margem.

Esta na aquela, mas qual?!

E poristo eu não sei se estou na Galiza se estou no Minho.



Arredores de Vigo.— La Lanzada, Farol fenicio e Santuario

*
* *

O Minho e Galiza dois irmãos gêmeos que levaram diferentes destinos.

Sempre debaixo da tutela da madrastra, oprimida em tudo, nemo menos teve o direito de falar a lingua que começou balbucian-do ao sair do berço. Porisso a lingua galega é simples dia-

léto e balbucia sómente em segredos com si propria.

O varão libertou-se. A madrasta Castela, cuspiu-lhe na face. Ele lavou o cuspo com sangue e armou-se cavaleiro. Foi Sam Mamede.

Oprimido num colete de ferro, ele respirou mais amplamente, encheu o peito de ar livre e rebentou o colete forte. Foi Aljubarrota.

Embalado em sonhos de gloria foi preso, acorrentado como um grilheta ás galés castelhanas.

Mas acordou, espreguiçou-se e ao sacudir as brumas do sono, despedaçou a corrente que o prendia. Foi 164).

Mas chegará um dia em que a donzela nos braços fortes do irmão gemeo se libertará tambem, e a amplos haustos respirará o puro ar, o grande ar livre.

* * *

Actualmente a Galiza intelectual—a provincia mais intelectual de toda a Espanha—caçada de fornecer homens a Castela, quero-os só para si, para reivindicarem os seus direitos, para conquistarem a autonomia, a que tem direito a nobreza do seu sangue culto.

Revistas escritas em lingua galaica afirmam toda a exuberancia do talento dos homens da Galiza. Uma pleiade de artistas, de almas fortes, impõem-se nobre-

mente, na prosa, na poesia, na pintura, na escultura, na arquitectura, todos na lidima ancia de afirmar ao mundo a sua individualidade.

No meo da voragem cosmopolita que tudo desnacionalisa, este grupo de homens grita que a sua terra não é o mundo inteiro, mas sim a Galiza.

Bem hajam pela sua nobre coragem!

E como eles amam Portugal!

Conferencias sobre a obra de Eça de Queiroz no Ateneu de Vigo.

Traduções de escritores portuguezes.

Fala-se de Eugenio de Castro como dum irmão, conhece-se Gonçalves Crespo, ama-se Guerra Junqueiro... Se até os mais modernos dos *novos* lusitanos são estimados!

A aproximação intelectual Luzo-Galaica iniciou-se na Galiza.

O nosso devêr, quanto mais não seja por gratidão, será secundar, desenvolvendo, intensificando, essa aproximação..... Será o principio do grande abraço fraternal do varão livre á donzela oprimida.

Se eu d'aqui ao meio do rio vejo as duas margens, reflexos mutuos: a mesma luz, a mesma côr, a mesma alma e não sei, decididamente não sei, se estou na Galiza, se estou em Portugal.

D. TOMAZ DE ALMEIDA



Costumes galegos — Um vendedor ambulante de pão



BONS ANOS

Janeiro. O ano novo, o tenro gnomo
Do prazer e da mágoa, que caminha
Por estradas sidéreas, num assomo
De vento em fúria e chuva miudinha...

Janeiro. A passo e passo, em sombra, como
Uma ronda de espectros se adivinha...
Janeiro frio, com que o tempo, momo,
Fustiga a nossa leira e a nossa vinha...

Deus vos mude, ano novo, a entrada agreste
Seja oliveira a rama do cipreste
E o ódio e a guerra sejam paz e amor...

E faças rebentar, como eu desejo,
De cada boca de mulher — um beijo,
De cada ramo de arvore — uma flor...

Um livro de versos
em preparação.

VITORINO NEMESIO.

Desenho de Caltinelli Telles

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONCLUSÃO)

O Príncipe não se sentia nunca bem longe da noiva, especialmente depois de adoecer. Num chá dado por um dos seus primos, tendo reparado na ausencia momentanea da Princesa, D. Afonso abriu a porta e gritou por ela, o que muito divertiu os outros convidados. Quando ela voltou, o sorriso do Infante foi duma incomparavel doçura e alegria, levando-a quasi em triunfo, como uma rainha, para o seu logar.

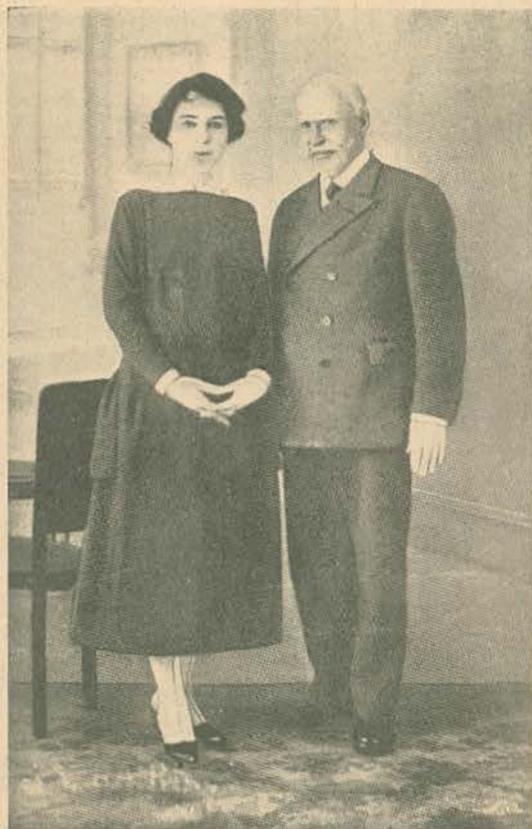
CAPITULO VIII

AS AZAS DA MORTE

O idílio durou dois anos. Um dia D. Afonso só a custo poude saír do automovel, o seu andar tornou-se pesado e vagaroso; chamaram-se medicos que declararam ser esse estado devido a um ataque de febre, tido em Capri.

A Princesa empregou todos os esforços para o curar. Passava noite e dia junto do seu querido Príncipe Real. Por muitos meses não pareceu peorar, sentia-se alegre e não tinha a consciencia da sua doença, continuava a dar os passeios de automovel mas os medicos não estavam satisfeitos e mostravam-no, quando sós com a Princesa ou com as enfermeiras.

Uma manhã, a 28 de outubro, D. Afonso não mostrou desejos



O Duque e a Duquesa do Porto em San Sebastian, em 1918



A Familia Real saindo da igreja da Sé em Lisboa. — 1908.

de se levantar; alguns dias mais tarde deitava-se para nunca mais se erguer, sempre com a mão da sua querida Princesa apertada entre as dele.

No principio da doença D. Afonso viu numa occasião os olhos de sua mulher arrazarem-se de lagrimas, apesar de todos os esforços que esta fez para os esconder; apertou-a nos braços e disse-lhe angustiado: «Não chore, mulher querida, não chore».

A afflicção do Príncipe foi tão grande que a Princesa resolveu nunca mais exteriorisar o seu desgosto e cumpriu a sua resolução. Mas que longas noites de sofrimento, enquanto ele dormia! Que agonia era vê-lo fugir dia a dia! As cartas desoladas que mandou aos Reis de Italia, á Rainha Amelia e ao Rei Manuel são dilacerantes.

A 10 de agosto escrevia a sua mãe o seguinte:

«Querida mãe

«Bem sei que só tenho um assunto nas minhas cartas, mas é o unico que me interessa — o meu adorado está agora um pouco melhor da cruel crise de paralisia que, fortemente, lhe atacou o estomago; só me quer a mim, e a Duquesa d'Aosta diz que não sabe como é que eu consigo resistir. Suponho «que a força me é dada», como dizem os velhos metodistas. Nunca me sinto cansada nem com sono, mesmo nas

noites que perco mudando-lhe de hora a hora as compressas frias. Quando adormeço adormeço também, mas dormir sabendo-o acordado e sofrendo, é-me impossível! *Sou tudo quanto ele tem!* E dispu-to-o á morte presso a passo.

Agora está socegado com a sua mão na minha.

Amanhã sairá como de costume. De quando em quando olha e sorri-me, curvo-me e beijo-o. Mãe, ele é a minha vida! Sinto que se morre, morrerei também, não posso imaginar a vida sem ele.

A Rainha e a família estão comoventemente preocupados e cheios de cuidados (a distancia). Todos eles adoram o Afonso que é o mais proximo parente dos Reis de Italia, entre todas as vinte e uma *altezas* que se encontram aqui.

Tenho muito que fazer, pois todos os bancos dirigem as cartas em meu nome. Creio que te não disse que cortaram a mesada ao Afonso quando casou e que ficou absolutamente sem nada, pois não tinha rendimentos proprios; tudo quanto possuía era-lhe dado pela Família Real italiana, julgo agora que se sentem um pouco envergonhados dessa acção.

Agora vou fazer arroz doce, —prato português— é uma coisa que o diverte. Foi o creado dele que nos deu a receita. E' delicioso.

Durante a doença delirou muito e dizia-nos constantemente que tinham acabado de cortar as pernas, os braços e a cabeça ao Manuel.

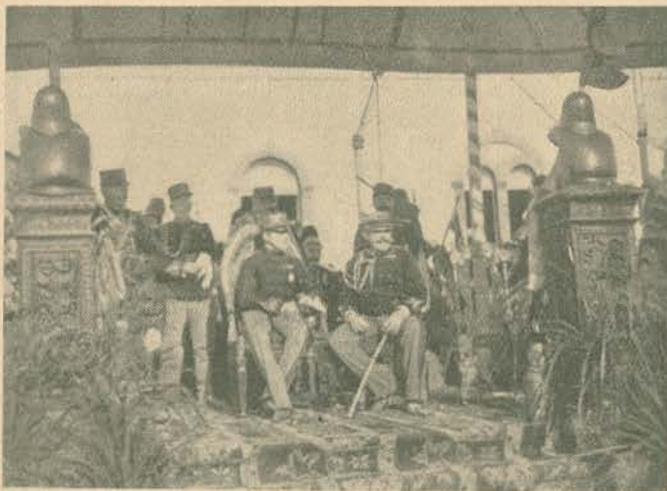
Reza por ele mãe querida, porque tu e a tia parecem estar muito perto do trono de Deus».

D. Afonso esteve de cama durante quatro terríveis mezes. A morte foi muito lenta e conservou até dois dias antes de expirar as suas boas côres. Sempre sorridente não calculava a gravidade da doença. A Princesa conservava-se ao pé dele de maneira a ser constantemente vista pelo doente. Antes de comer qualquer prato exigia que ela o provasse primeiro e não dormia senão depois de a ver vestir um

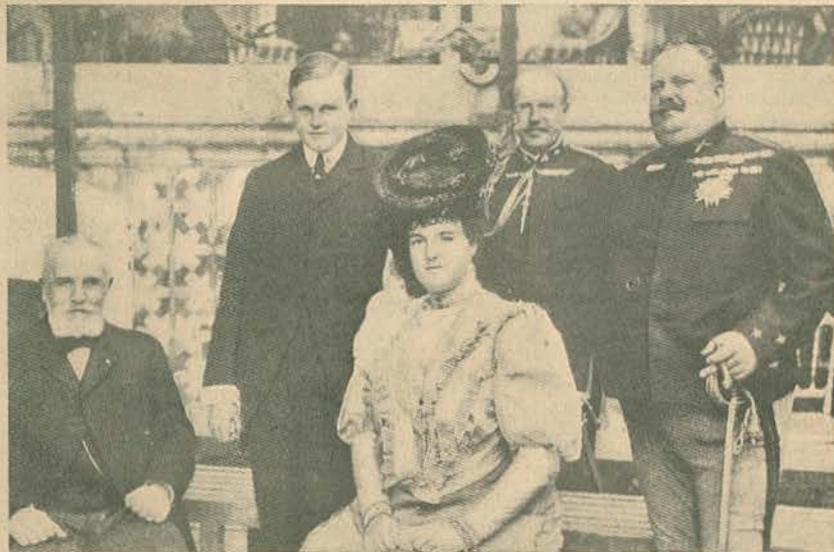
roupão e vir encostar a cabeça ao seu travesseiro.

Então já a Duquesa tinha começado a convencer-se de que o marido estava realmente doente.

A 20 de Fevereiro dormiu muito bem. A Duquesa, como de costume, estava junto ao leito. A meia noite a enfermeira tomou-lhe o pulso e compreendeu que a



O Rei D. Manuel e D. Afonso no Colegio Militar, em 1909



A Família Real e o Presidente da Republica Francesa, Mr. Loubet, em Cintra

Meu marido, tão bom e terno, ficou muito sentido, e eu para o compensar dei-lhe *tudo o meu dinheiro*; ficou-me gratissimo e como nunca teve semelhante quantia entre mãos, não sabe bem o que ha de fazer com ela.

hora soara. Olhou para a mulher com uma expressão de infinita ternura e as suas ultimas palavras foram «é valido», pois durante toda a sua doença não falou senão português e sua mulher respondia-lhe na mesma lingua.

A Princesa compreendeu estar o fim perto e subiu-lhe um soluço á garganta, mas lembrou-se do conselho que Helena d'Aosta lhe tinha dado havia alguns dias: «Não perca a coragem, não chore»; fez um esforço supremo e continuou falando-lhe até á ultima. Chegaram medicos, padres e enfermeira, a Princesa pe liu a todos: «Façam qualquer coisa».

Deram-lhe uma injeção de camfora e abriram todas as janelas para o terraço; o padre que o casara deu-lhe a extrema unção salpicando com agua benta as lindas roupas que tinham pertencido á Rainha Maria Pia e que cobriam agora na sua agonia áquele a quem ela chamou até ao fim o seu «Pequenino».

D. Afonso moveu os labios tres vezes, repetiu sem quasi pronunciar as palavras: Rainha mãe, minha mãe». Havia já alguns dias que dizia constantemente á Princesa que a mãe se achava no terraço, no jardim e mesmo no quarto.

O medico aproximou-se da Princesa e disse-lhe: —Peço-lhe que tome esta chavena de café.

Ela não respondeu e os olhos não se desviaram do rosto de D. Afonso.

A enfermeira insistiu: —Vossa Alteza adoece se continua assim.

Não houve resposta.

—Deus seja bemdito e faça-se a sua vontade, murmurou o padre.

A Duquesa pediu a todos que saíssem, pois não queria que assistissem á sua agonia e á dele.

Sobre a linda cabeça loura via-se o estandarte do Principe Herdeiro de Portugal, que se reflectia num grande e antigo espelho colocado na parede oposta. Por uma ou duas vezes, o olhar de D. Afonso desviou-se de sua mulher e fitou a bandeira como reconhecendo-a, emquanto a Duquesa lhe repetia muitas e muitas vezes as palavras que ele tanto gostava de ouvir: «Amo-te, adoro-te, querido, sabes?» —sorrindo-lhe, através as lagrimas, para que ele não visse a sua angustia.

Passou quatorze horas ajoelhada junto ao leito e o Principe morreu, fitando-a.

CAPITULO IX VALE! VALE!

Durante quarenta e oito horas a Princesa velou, na capela ardente, segurando uma das mãos do seu bem amado enquanto a guarda do Rei vestindo o seu brilhante uniforme cercava o leito.

Colocada á cabeceira da cama via-se uma grande

cruz de flores azues e brancas, as côres portuguezas, nas paredes grandes retratos de D. Afonso, do Rei Humberto, e uma maravilhosa imagem da Madona de Murillo. O leito estava rodeado de castiçais de prata e enormes palmeiras. Sobre a cama via-se o Estandarte Real dos Braganças, aos pés o capacete e a espada que os seus soldados lhe haviam oferecido em Lisboa, ao fundo algumas freiras entoavam um plangente cantico e tão impressionada ficou a Duquesa que perdeu os sentidos, recusando-se contudo terminantemente a sair do quarto quando voltou a si.

O funeral foi verdadeiramente régio, o carro fúnebre era puxado por cinco magnificas parelhas pretas. Atraz desfilavam dez regimentos de soldados de infantaria e cavalaria, o Duque de Aosta encontrava-se tambem ali com as suas tropas, seguiam-se-lhe parentes e representantes dos varios reis.

O cortejo levou sete horas a atravessar as ruas de Napoles.

O Principe era cavaleiro da Tozão d'Oiro, da Ordem de Malta, tinha a Grã Cruz da Legião de Honra. Na suas ordens espanholas incluia a de Carlos III, que só se dá por merito militar, era além disso cavaleiro de Torre e Espada, etc.

A sua morte foi sentida em toda a parte, mesmo em Portugal, pois tanto monarchicos como republicanos lhe queriam e ele retribuia-lhes esse grande amor; nas ultimas semanas da sua vida tinha uma ideia fixa, voltar para Portugal. A ultima vez que passou no jardim disse a um jardineiro que se encontrava junto dele:

—Vês aquele grande navio? Vai para o meu país, para Lisboa. (E quanta saudade havia nessa palavra que ele pronunciava á portuguesa, mesmo quando falava qualquer outra lingua.) Partiremos tambem breve para lá.

Muitos portuguezes teem vindo visitar o seu tumulo em Napoles.

Termino este livro afirmando que a Duquesa ha-de viver não só na historia como nos corações de todos os fieis portuguezes, pela sua dedicacão ao seu amado D. Afonso. O amor do povo pelos Principes Reais acabou quando o ultimo filho da Rainha Maria Pia morreu.

As lagrimas que caem sobre o seu tumulo no Panteon são o «De Profundis» duma Dinastia

Uma viuva desolada chora pelo seu morto, o amado D. Afonso, Principe Real de Portugal.



D. Afonso, no exilio, com o fardamento de tenente-coronel honorario de Espanha

FIM



A MÃO DE SANGUE

Eis o melhor cartaz da vida portuguesa... Sobre o *écran* da parede a projectar-se, em *gros plan*, um jornal avançado, um policia, e a mancha de sangue de certa mão... Parece cinematografia e é a vida, parece um *fait-divers* e é a síntese de uma hora... Aquela mancha de sangue não suja apenas a parede, suja todo o Portugal... Aquela mancha de sangue é um sinete, o sinete da nossa desventura... Como se chegou a alcançar esta pose? Sabe-se lá...

A culpa não é de ninguém

—é de nós todos, portanto. A intolerancia de uns, a tolerancia demasiada de outros, a brandura destes, a violencia daqueles, tudo foi contribuindo para aumentar a fogueira, fogueira alta, fogueira que pôs labaredas em certas mãos... Ele aífica, o cartaz de Portugal, um cartaz que, para bem de nós todos, urge que desapareça, porque não está certo, porque não é verdadeiro, porque o sangue, na nossa raça, costuma florir no peito antes que chegue ás mãos...

A PROPOSITO DO PREMIO NOBEL UMA VISITA A ANATOLE FRANCE

FOI em 1903, quando os estudantes portugueses estiveram em Paris. Reunimo-nos um escasso grupo de doze a catorze, na livraria do editor Pelletan, a uma hora matinal, no «Boulevard Saint-Germain». Antes de entrar na livraria, lembro-me que parei um momento a ver as duas montras, cheias de edições de luxo do romancista. Foi Pelletan quem editou, por exemplo, o *Crainquebille*, com ilustrações de Steinlen.

O livreiro recebe-nos num gabinete interior, cujas paredes estão cobertas de leves esboços de perfil, de caricaturas e retratos de Anatole France. Num é o romancista de *Thais* envolto numa figura ondulosa, símbolo de beleza helénica. Noutra é o autor do *Crainquebille*, em mangas de camisa, cachimbando rudemente a uma esquina, a espreitar as carretas de legumes, que circulam, ao apregoar dos vendedores, entre as carroças, os *omnibus* e os *fiacres*. Noutra quadro ainda, o artista sorri, no seu gabinete de trabalho, cercado de livros e *bibelots*.

Estes minutos de livraria são assim um começo da visita. Meia hora depois, á saída do metropolitano, perto da casa do romancista, converso um pouco com Pelletan, e vejo bem a admiração que êle consagra ao amigo ilustre. Digo-lhe que France soube realizar admiravelmente a missão que no *Jardim de Epicuro* atribue ao génio: *Qu'est-ce que le génie sinon l'art de charmer la souffrance?* A fisionomia do livreiro, que um cabelo ericado corôa, sorri devotamente. E fala-me com entusiasmo nalguns contos do *Puits de Sainte-Claire* e de *L'étui de nacre*.

A rua, pequena e silenciosa, formada por meia dúzia de vivendas isoladas, fica junto do Bosque de Bolonha.

Desde o limiar da casa de Anatole France se adivinha a habitação dum artista. O puxador da campainha da porta é uma cabeça de velho, em bronze antigo de Florença. E, mal se entra, pelas paredes, junto aos corrimões, quasi sobre os degraus da escada estreita, mil figurinhas, mil preciosidades minúsculas enchem todos os recantos, onde a luz se atenua numa meia penumbra.

Pelletan abre uma porta no segundo andar e vêmos avançar dois passos a uma figura baixa, de olhos vivos, que se curva num gesto acolhedor de simpatia.

Nos retratos de Anatole France há qualquer cousa de inexpressivo e imóvel. Mas na conversa a boca espirituosa e os olhos gauleses riem-lhe, iluminados por uma suavidade afável. O modesto casaco de inverno, o cabelo cortado rente, sem pretensão, e o ar de intimidade que tinha a palestrar com uma poetisa russa e um personagem parisiense, davam mais encanto ao seu rosto sorridente.

Um de nós disse-lhe que íamos agradecer a amabilidade de ter presidido á festa realizada em Paris, em honra de Teófilo Braga, e procurou, em palavras sóbrias e sinceras, prestar homenagem á sua individualidade excepcional e á beleza das suas obras...

... A homenagem a Braga — respondeu Anatole France, numa voz um pouco hesitante e trémula — tivera diversas vantagens. Mostrara, por exemplo, que Portugal é um país de poetas e, por isso mesmo, um país de homens de acção. Assim sucedera na Rússia — e o seu olhar procurou a poetisa, que sorriu, de agradecida. Na Rússia os poetas tinham anunciado a renovação da patria. E, embora as suas obras exprimam só utopias, as utopias são, contudo, futuras realizações, mais ou menos longíquas.



Anatole France

Falou-se um momento na influencia da literatura franceza sobre a nossa. E Justino de Montalvão, que estava traduzindo a *Historia Contemporanea*, pediu ao romancista a sua assinatura. Alguem, que tinha um folheto de France, tambem foi contemplado. Debruçado sobre a mesa, rabiscando a pagina, êle murmurou a rir: *C'est une basse superstition!* Perguntou a um dos nossos rapazes se queria a assinatura num livro que trazia na mão. Ele, perturbado, estendeu-lho maquinalmente. Mas um braço indignado interpôz-se: era o Baedeker de Paris!

Anatole France notava, no entanto, que não devíamos tomar a facilidade em dar a sua assinatura como uma prova de a julgar realmente uma cousa de valia. Pediam-lh'a e não achava inconveniente em obedecer a um pedido tão amável...

Cada um de nós recebeu, com dedicatorias, um exemplar do seu livro pouco conhecido, editado por Pelletan, *A Igreja e a Republica*.

Foi nessa altura que se ofereceu a Anatole France o diploma de socio do Instituto de Coimbra. O grande escritor não teve, decerto, ao entrar no carcomido gremio, a impressão de que era recebido pela segunda vez na Academia Franceza. Com um resignado e discreto sorriso, aceitou o milionésimo diploma da milionésima e obscura sociedade literária estrangeira. Pousando as mãos nos hombros de quem lh'o entregava, o pobre Xavier de Carvalho, beijou-o nas faces, murmurando, com um riso espirituoso:

— *Donnons l'accolade, comme dans les temps de jadis!*

Enquanto eu escrevia num papel a direcção do dr. Bernardino Machado, presidente do Instituto, houve mais um momento de palestra. Campos Lima dizia-lhe que entre nós não existiam homens como ele e era do povo que se esperava essa acção atribuida por Anatole France aos poetas. Entre nós o povo é o grande poeta.

— Estou convencido de que o povo há de ir a pouco e pouco substituindo os poetas e utopistas renovadores, respondeu o romancista.

Passava já de um quarto de hora que ali estavamos. Um de nós deu o sinal de partida. Mas Pelletan ainda nos levou ao gabinete de trabalho, no primeiro andar, que eu conhecia da fotografia dum *magazine*. Os corredores, os quartos entrevistos, as paredes, as *étagères*, em que se amontoavam, como num museu muito escolhido, bronzes, madeiras e quadros desbotados, com esguios rostos de Virgens e donzelas, adormentavam, na atmosfera morna e na penumbra dos vitrais impregnados da melancolia, deliciosa e subtil, do passado. E, ao sairmos, numa abstracção sonâmbula e vaga, vinhamos pensando como o romancista do *Lys Rouge*, o critico erudito da *Vida Literaria*, o filosofo ligeiro do *Jardim de Epicuro*, o contista do *Crainquebille*, o conferente das Universidades Populares, o panfletário da questão Dreyfus, enobrecia, com beleza, bondade, tolerancia, a sua velhice augusta. Ia em breve, dissera-nos, partir para a Grécia, contemplar os despojos mutilados dos tempos aureos e aspirar os aromas das flores que, há tres mil anos já, perfumavam os lábios apolíneos e ornavam a frente de Atenêa. Quem pudesse renovar, com ritmos imortais, em sua honra — pensava eu — a saudação de Hórcio á nave em que partia para a Hélade o divino Vergilio!



E' O ALGARVE, O LUMINOSO ALGARVE, É A BARRA FLORIDA DE PORTUGAL, É UMA PROVINCIA, A UM TEMPO, ALEGRE E TRISTE, A PROVINCIA QUE BRILHA NA PAISAGEM POLICROMA, COMO CERTAS ALMAS, RICAS DE SENTIMENTO, SE PROJECTAM NA VIDA... O AUTOR DO DESENHO DÁ-NOS O ALGARVE, NUMA HORA TRISTE, NUMA HORA EM QUE TODA A PAISAGEM PARECE EMBRULHADA NUM CHALE NEGRO...

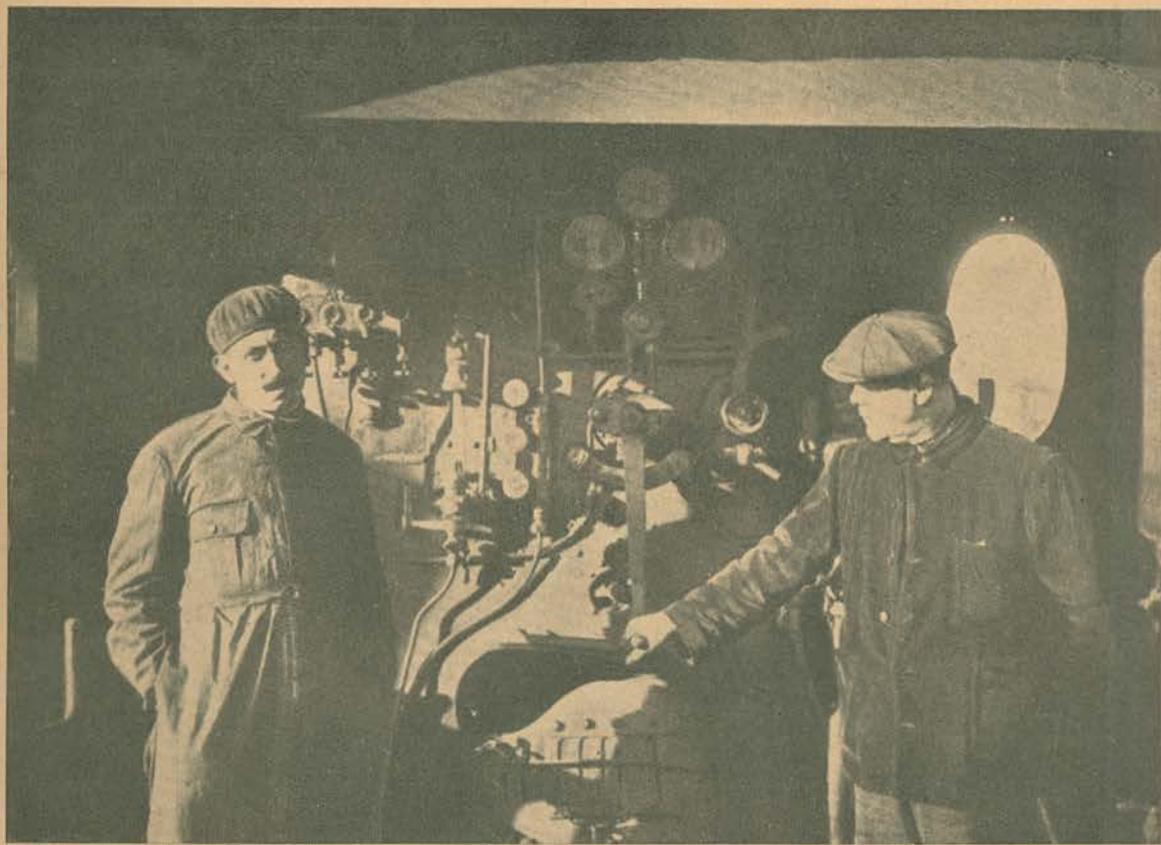
O FOOT-BALL" NA PENINSULA



O «team» tcheco-slovaco que esteve ultimamente em Lisboa



Em Madrid—Uma fase dum desafio entre portugueses e espanhóis



O autor e o chefe do deposito de maquinas sr. Carlos Parreira

F U M O & F L A M A

E como a autorisação disse que o cidadão Albino Forjaz de Sampaio podia transitar nas maquinas da Companhia desde 98 a 30, ás 19 de 23, vestido de ganga, o chapeu substituido por uma boina e por colarinho um *cache-nez* escuro, subimos para sobre a maquina 355, que, rebocando o rapido, nos devia levar ao Porto. Acompanhava-nos o engenheiro Melo Vieira, que, como nós, deixara o casaco no «fourgon» e trocara o chapeu por uma boina que ao quílometro qualquer coisa um pé de vento lhe levou da cabeça.

A vida é feita de sensações. E como a vida é uma só, justo é que a misera criatura seja a pista em que elas doidamente galopam. Subir num aeroplano, descer num escafandro e num submarino, visitar o fundo de uma mina, ser cloroformisado, injectar-se de morfina, opiar-se a gente, são coisas a cumprir para ver como a besta humana arfa, soluça, treme, vibra, se congestiona e liberta da sua materialidade.

D E L I S B O A
A O P O R T O
N A M A Q U I N A
D O R A P I D O

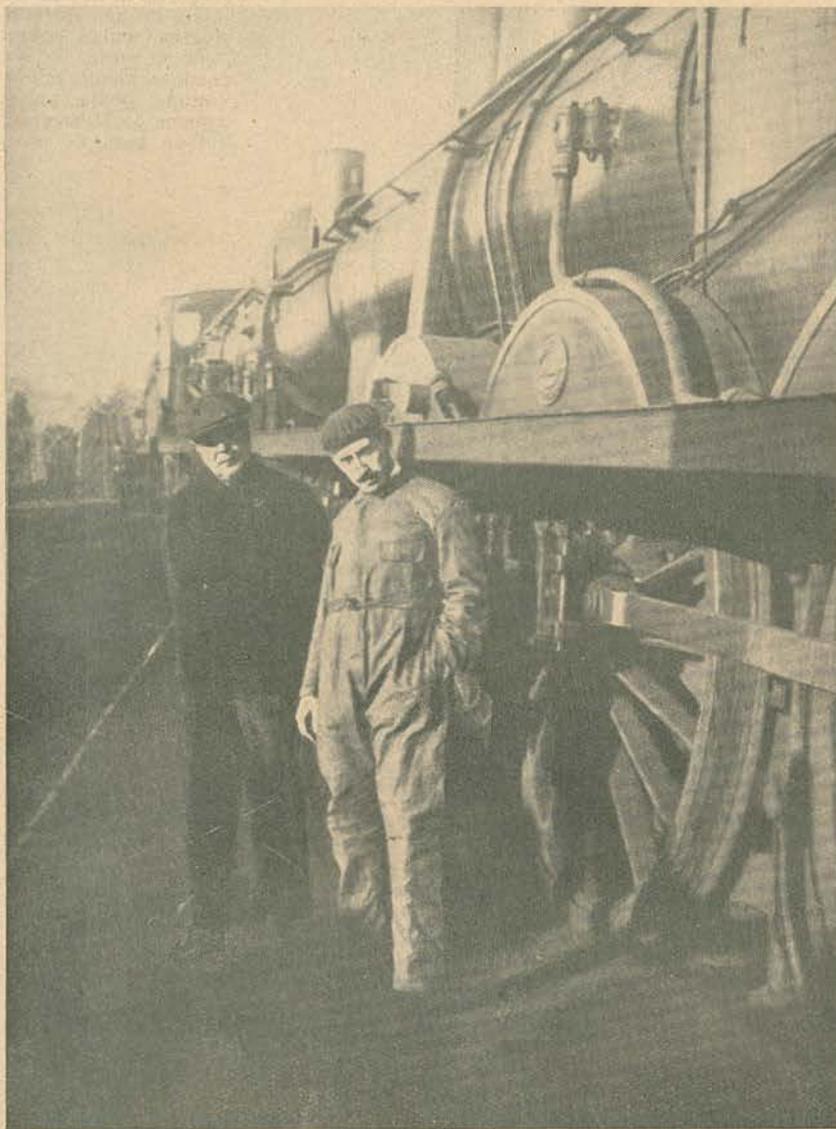
Pois ás 19, dado o sinal, a pesada maquina subtilmente deslisou nos rails. É uma coisa curiosa e muito diversa de viajar numa carruagem o viajar numa maquina. Para nós tudo aquilo é novo. Não se ouve ruido a não ser o vapor arranhando com estrépito, o tam-tam das placas giratorias e o solavancar das carruagens. Enfiamos pelo tunel, negro, de uma negridão de fundo de poço. Mas, já o fogueiro deitou mão da corrente que abre a bôca da fornalha e a porta, uma pesada porta de cofre se abriu deixando passar um hausto abrasante de calor. E agora atleticamente, silhuettato á luz rubra do forno e á luz pacificada da lampada do tétó, como as figuras de Meunier, ele curva-se, para encher, no cervão do *tender*, a pá de ferro em fórma de calha com que enche a guela hiante do monstro. São quatro ou cinco as pásadas cheias, a mantença, operação que se repete todo o caminho, de espaço a espaço, ritmicamente.

Mal o fogueiro enche a escancarada bôca o car-

vão chia e arde, a língua de fogo lambe a bocaça rubra e lá dentro vai um inferno de triturantes labaredas, de fogo, de calor. E mestre fogueiro arroja a pá, para, satisfeita a sofreguidão da besta, lhe cerrar na queixada a pesada porta com ruído. E vai á mangueira, empunha a agulheta, volta a torneira da agua e um jacto chapinha o tender inundando o carvão e perserverando-o de combustões. O maquinista, sobre o estrado, vigia o maquinismo, vigia a linha, olha os dis-

boio passa, a galope. Ouve-se só o tam-tam rude da maquina, e não corremos não, nem voamos. E' uma loucura, positivamente uma loucura. Deitámos a cabeça para olhar o horisonte mas o vento que passa, cega-nos. O maquinista vai debruçado, atento. O fogueiro não prou na sua tarefa. E, como novamente inundasse o carvão, o vento salpica-nos de pó e agua, numa incomoda tortura.

Aberta a fornalha novamente o enovelado do fumo



O sr. Carlos Parreira e Albino Forjaz de Sampaio

cos e sinais. E pelos oculos da locomotiva as paralelas da linha estendem-se pela noite fora, enquanto a maquina arfa e galopa, arquejante nos seus pulmões de aço, correndo, voando, endoidecendo de velocidade. E de espaço a espaço, puxado o apito, o vapor sai, silva e vai quebrar o silencio dos campos adormecidos, dos casais amesendados entre arvoredos, pinhais gementes e verdeneiras olveiras.

Agora, fita de luz, dedada de luz na treva, o com-

da chaminé e o clarão refletindo-se nos vidros da guarita do *fourgon* fazem supor que lá dentro crepita um incendio. A scena é rembrandtesca, oiro e negro, com figuras de meia tinta, aparecendo e logo sumindo-se na treva. E sobre tudo isto a trepidação, o silvo estridente da maquina e a ferragem, rodas, alavancas, manómetros rebrilhando, luzindo, faiscando metalisadas scintilas.

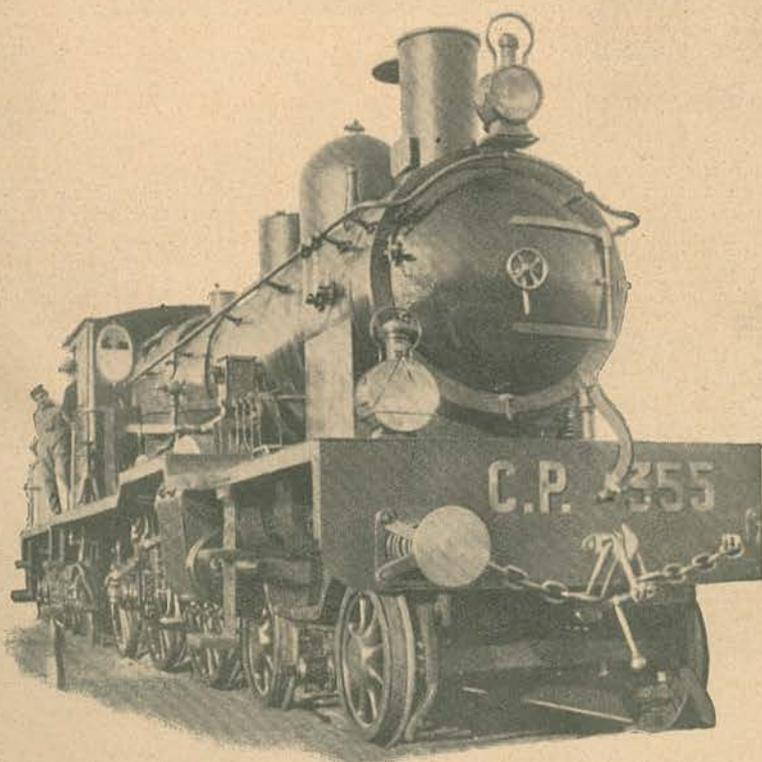
O maquinista, ás vezes, com uma comprida almo-

tolia, desaparece. Está sobre a maquina cuidando-a. E é numa ocasião destas que o fogueiro se volta para o engenheiro e tremulo lhe diz: «Sr. engenheiro, não temos maquinista. Eu não o vejo nem dum lado nem do outro!» A noite é escura e a maquina corre á desfilada, louca. Melo Vieira diz-lhe que inquirá, que veja e toma o logar do maquinista, que o fogueiro já visiona caído á linha, feito num bolo. Mas o comboio segue, corre, marcha. E já eu scismo no pobre diabo, morto na linha a dois, tres ou oito quilometros, quando ele surge com a seringa de lata na mão e um ar de diabo encarvoado e terrivel. E só a fornalha põe uma sanguinea mancha na escuridão.

Agora porém, já vamos atrazados, aquilo não corre, vóa. O maquinista é para mim um Deus, mexendo agora num freio, olhando depois uma roda, despendido e sereno, calmo e tranquilo, sempre atento, sempre prescrutando a escuridão. E é uma coisa grande ver aquele homem simples cumprir o seu dever sem orgulhos nem ostentações. Estações passam,

ele recebe notas, papelinhos, avisos. Agora um disco fechado, logo um comboio que tem de cruzar, mais além dois minutos perdidos. E sempre comendo carvão a sofrega chama, a boca hiante sempre escancarada, já o «tender» vai livre. Quatro toneladas, quatro mil quilos passaram pela pá do fogueiro para o estomago do «leviathan» faminto. E devora espaço, corta a noite negra a serpente de fogo, penetra o coração da treva e vai, prossegue, caminha sem descanso. A velocidade é mais e mais. Parece que vamos doidos. As ferragens rangem, tudo treme, tudo é silencio. E só o ruído do ar que se desloca e o vulto negro do maquinista no seu estrado e do fogueiro, atentos, ambos negros, ambos soberanos. E não se vê, não se sabe, não se sente. Tal a vertigem da velocidade que o caminho não se lobriga e tudo aquilo é sonho; luz, maquina, gente, paisagens, sombras. Tão sonho que iríamos gostosamente, se aquilo descarrilasse, direitinhos para as profundas dos infernos.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Sciencias de Lisboa



(Clichés Salgado)

AS
EXPOSIÇÕES



Leitão de Barros. Os «Abat-jours» vermelhos

Aquarelas,

Águas-fortes

&

Desenhos

A Sociedade Nacional de Belas-Artes houve por bem suprimir do seu programa anual a exposição de aquarela, desenho e miniatura, a que no ano passado acrescentara o pastel.

Efectuou-se a primeira, limitada á aquarela, em Janeiro de 1914. Com as seis que se lhe seguiram, abrangendo tambem o desenho, criara no público o hábito de relancear, á entrada do inverno, a sua vividade, a leveza ou o vigor moderado das tintas de agua, contribuindo para uma certa voga aguarelistica e favorecendo a revelação de novos artistas da especialidade.

Razões ponderosas decerto, intervieram para abo-

lir ou suspender a interessante tentativa, o que levou alguns aguarelistas, creio que por iniciativa do sr. Leitão de Barros, a reunirem, extra-officialmente, os seus trabalhos numa exposiçãosinha, que não chega a salpicar toda a galeria de Barata Salgueiro, mas que tem de simpático o desejo de prolongar a nascente tradição das exposições anteriores.

O catálogo, já de si pobresinho, ainda se empobreceu mais com a falta de *A minha casa de jantar* de Columbano e das illustrações de Stuart Carvalhais: desistentes da ultima hora.

Ausentes Alves de Sá e Alberto de Souza, a lista dos consagrados ficou reduzida a Roque Gameiro, que está ali evidentemente por comprazer com três



Aquarela de Helena Roque Gameiro

molduras que não aqueçam nem arrefendam os seus sólidos créditos.

Das senhoras, expõem D. Helena Gameiro, D. Raquel Ottolini e D. Maria de Lourdes Matos Braamcamp.

O invulgar temperamento da primeira é quem destaca mais alto. Exceptuadas duas ou tres banalidades, venceu mais uma vez as qualidades do seu talento, um pouco retraído e tristonho, mas perfeitamente senhor duma técnica segura, que brinca com as dificuldades. Animada dum belo sentido decorativo, *A Jarra azul*, uma velha jarra de cinco dedos onde vermelhejam flôres e na base da qual ha contas negras, tem a aveludada luminosidade dum pastel.

As suas *Gúias*, ásperas no tom, são mesmo assim. *A Luz esquisita* não é talvez das melhores, mas tanto o *Dia sem sol* como o *Céu de trovoada* são estudos interessantes, podendo ainda citar-se *A tarde*, *Sol e Na Quinta Masioti*.

A mana mais velha, D. Raquel Gameiro Ottolini, é uma desenhista minuciosa, mais ilustradora do que pintora, que nem sempre escolhe irrepreensivelmente os seus assuntos. No género agradável, tem este ano uma coisa bonita, *Num jardim abandonado*.

Quanto á Senhora D. Maria de Lourdes Braamcamp, que preenche duas páginas do catálogo com variadíssimas subdivisões, desenha com grande correcção e mostra acreditar, louvavelmente, nas vantagens do trabalho. Algumas das suas páginas de estudante denotam aplicação, mas ficariam melhor num album do que numa exposição. *A Pretinha* é um modelo honoroso. Os carvões *A Oração* e *Extase*, bem como o pastel *Inácia flor do campo*, são duros e frios. Preferir-lhes-ei, para



Aguarela de Jorge Barradas

ser amável, as aguarelas reforçadas á pena, como *Em casa do caseiro*.

Os expositores masculinos são Leitão de Barros, Paulino Montês, Jorge Barradas, Varela Aldemira, Martins Barata, Gabriel Constante, Fernando Santos, João Hermano, Baptista e Eduardo Leite.

Leitão de Barros tem bom e mau. É um artista desigual, que dispersa a sua actividade ao sabor do acaso. Lembrome de já ter elogiado os seus *Abajours vermelhos*, que reapareceram, como reapareceu o óleo aguarelado de *Que-luz*. De novo, ha, por exemplo, *O Chafariz da Rua Formosa*, um pouco falseado na grandiosidade, e a mancha muito alegre da *Saia encarnada*. *A Ceia dos cordeais*

é, sobretudo, trabalhosa.

Martins Barata aponta algumas apreciáveis notas provincianas, entre as quais recorro o n.º 106, *Santa Catarina*, *Alemquer*. *O dia da Santa*, pitoresco no arranjo, peca pela fraqueza das figuras.

De Paulino Monteiro, ha a *Porta da Fortaleza* e algumas notinhas.

Varela Aldemira trouxe duas aguas-fortes espanholas, duas aguarelas columbanescas, e vários desenhos, alguns já conhecidos.

Fernando Santos expõe quatro pequenas gravuras. Agradável a *Cabeça*.

De Gabriel Constante, talvez haja para citar a *Azenha do Zé Caco*.

Jorge Barradas, recém-chegado do seu triunfo galaico, não é, sabemos todos, um aguarelista, dos propriamente ditos... Está entre eles como Pilatos no Credo, um Pilatinhos zombeteiro a fazer-lhe gaifonas com um *Retrato semi-sério*, *Mendigos*, *Costureiras* e um *Nu* expressamente despido de perfeição.

MANOEL DE SOUSA PINTO



«Dia da Santa». Aguarela de Martins Barata

O FUNERAL DE BRAAMCAMP FREIRE



No cemiterio

FALECEU Anselmo Braamcamp Freire, um grande português e um grande Artista. As letras portuguesas estão de luto. Investigador inteligente, alma eleita, Anselmo Braamcamp deixa, entre os valores da nossa época, um lugar que dificilmente será substituído. A vida de Anselmo Braam-



camp foi, toda ela, um apostolado. A *Ilustração Portuguesa* lamenta, sentidamente, a perda que Portugal sofreu. A triste fotografia da abertura do coval, que reproduzimos, é a mais bela prova duma vida serena, duma vida activa, fecunda, duma vida que jamais pensou na morte...

Abrindo o coval

O NATAL DO "SECULO"



O numero de Natal nas mãos dos vendedores

O Natal do *Seculo* foi um Natal feliz, um Natal onde houve admiráveis brinquedos para as crianças e belos números especiais para o publico. Foram todos contemplados. A obra do *Seculo* engrandece-se, numero a nu-



As crianças doentes do Hospital de S. José, contempladas com os brinquedos

mero. O *Seculo* é, já hoje, uma das forças vivas de Portugal, uma força inteligente, bem orientada. Quanto mais o *Seculo* é caluniado, mais ele se afirma. O numero de Natal do *Seculo* é uma gloria para todos os portugueses.



Berta Leite, autora da «Lenda da Praia do Guincho»

Beatriz Delgado, autora do livro de versos «Amorosa»



O Natal nas Caldas da Rainha—O jantar oferecido às crianças no «Casino».—(Cliché Salgado)

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)
MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

PROVAMOS COM... ATESIA DOS MEDICOS

N'aoura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatisimo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excellencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando

a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sports» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A' venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 4\$00. Correo, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 123; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão.

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sede no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921 — Esc. 7.972:798\$76

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas.

SEGUROS DE VIDA.

AGENTES:

José Henriques Tota, Ltd.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 centra

LISBOA

O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

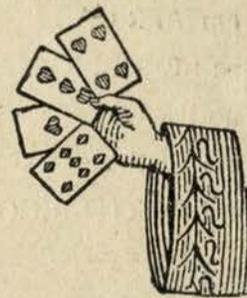
Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fiziolegia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11 da manhã ás 7 da tarde

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Envia 50 centavos p. ra resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavos

DOENTES

A Moderna Terapêutica Magnética e Psíquica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente Individualizados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa e mental por grave e antiga que seja; assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro e aqui pelas importantes curas que tenho realisado.

Os que estão cansados de sofrer não devem, pois, hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psico-físico-magnéticos e dietéticos

De cujos favoravels resultados me responsabilizo.

P. Indiveri Colucci

T. C. JOAO GONÇALVES, 20, 2.ª Esq. — Esquina da A. Almirante Reis (ao Intendente)

Constipações, influenza, reumatismo

Curam-se rapidamente com os comprimidos de

«IDRAPIRINA RIEDEL»

O melhor dos remedios alemães

A venda nas boas farmacias

Deposito: MARTOS, CRILEYR & C.ª, L.ª

69, Rua do Carmo -- LISBOA

"The Mercantile Agency"

Agencia Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Fossue no mundo inteiro e sob a mesma razão social

247 SUCURSAES

54 sucursaes na EUROPA

- 149 > nos ESTADOS UNIDOS
- 17 > no CANADÁ
- 7 > no MEXICO
- 5 > na AUSTRALIA
- 4 > na NOVA ZELANDIA
- 4 > em AFRICA
- 2 > na REPUBLICA ARGENTINA
- 1 > no BRAZIL
- 1 > em CUBA
- 1 > em PORTO-RICO

Estas sucursaes, cujo pessoal regular comprehende mais de 10 000 empregados, tem alem d'isso um certo numero de agencias em todas as principaes cidades do mundo. Esta organização complementar que emprega mais de 800.000 correspondentes estende assim sobre o mundo inteiro os seus serviços e sua ação acção, reorçados com os seus

78 anos de existencia



Propriedade e Sêde Social de R. G. DUN & Co.,
em New-York, 290, Broadway

CASA AMERICANA Fundada em New-York
em 1841

Central para Portugal: 15, Rua dos Fanqueiros-LISBOA

Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO